

COMO A VELHICE É APRESENTADA ÀS CRIANÇAS, EM TEXTOS DE LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Anita Liberalesso Neri *
Eliete Jussara Nogueira **

Resumo O objetivo foi identificar significados associados à velhice, em 35 textos infantis brasileiros selecionados dentre 95, apontados por 112 professores de 3ª e 4ª séries. Os 63 idosos identificados atuam como fontes de referência cultural ou personagens secundários, nunca como principais. A análise baseou-se nos aspectos: *sociológico; físico; psicológico; interação social; usos do termo velho e adjetivos usados para qualificá-lo*. Foram derivados quatro temas: 1) *Sabedoria* (conhecimento privilegiado derivado da experiência de vida, que permite ao idoso aconselhar crianças e adultos para resolverem questões importantes da existência. 2) *Isolamento* (idosos retratados como pessoas afastadas do mundo social dos adultos, já que não tomam decisões, nem executam soluções). 3) *Depersonalização e falta de senioridade* (mecanismos de desvalorização do idoso por causa da improdutividade). 4) *Perdas* (biológicas, psicológicas e sociais - irreversíveis e universais - apontadas como justificativas para o afastamento). Os textos veiculam a ideologia tradicional da Ciência e da sociedade sobre velhice, e a noção que uma velhice bem sucedida depende da pessoa, e não da interação entre providências sócio-culturais e condições individuais.

Palavras-chaves: Velhice; atitudes; literatura infantil brasileira; análise de conteúdo.

Abstract The aim of this study was to identify meanings associated with old age in 35 Brazilian texts selected from among 95 texts indicated by 112 3rd and 4th grade teachers. The 65 identified elders served as sources for cultural reference or secondary characters. Content analysis was based on the following criteria: sociological, physical and psychological characterization; social interaction patterns; uses of the term *aged*, and adjectives employed to qualify old people. Four themes were derived: 1) *Wisdom* (superior knowledge and ability in advising children and adults about crucial issues concerning the course of life. It depends on life experience. 2) *Social isolation* (Elders are shown as socially desingaged people with weak power of decision making and problem solving. 3) *Depersonalization and lack of seniority* (social mechanisms of devaluation, justified by their unproductivity). 4) Universal and irreversible *losses* in biological, psychological and social domains pointed out as the main reasons for elders desingagement. The texts express the traditional ideology of aging, as well as the notion that successful aging depends on personal efforts, not on the interplay of socio-cultural and individual conditions.

Descriptors: Aging; attitudes toward aging; Brazilian literature; content analysis.

As expectativas e crenças sobre o comportamento - suas potencialidades e limitações - exercem um papel orientador em relação às ações e às cognições das pessoas sobre si próprias, durante todo o curso de vida. Desde a infância as pessoas aprendem expectativas e crenças sobre as ocorrências e as sequências de um curso de vida normal e esperado, inclusive a noção que a velhice acarreta perdas e déficits comportamentais. Essas aprendizagens se dão em parte por meio do processo de observação *ao vivo*, em parte pela interação com pessoas em diferentes faixas etárias, e principalmente à partir do contato com os meios simbólicos, como por exemplo a literatura, a televisão e o cinema.

É formidável o poder multiplicador dos meios simbólicos, na promoção de aprendizagem observacional de padrões de comportamento que, de outra maneira, não poderiam ser observados por pessoas de diferentes culturas épocas e idades. Por intermédio deles, também, os grupos sociais podem divulgar seus valores, ideais e explicações a respeito do comportamento humano ao longo do curso de vida (Bandura, 1986).

Éssa é a finalidade básica da literatura infantil, instrumento pedagógico criado pela cultura para disciplinar, moralizar e orientar as

* Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP.

** Mestre em Educação pela UNICAMP.

ações e sentimentos de seus membros mais jovens, para além dos limites impostos pela ação direta da família e da escola (Zilberman e Magalhães, 1982). Por esse motivo, os textos infantis de uma época podem fornecer informação sobre os costumes e valores nela vigentes (Khede, 1986 e Chinen, 1987).

Bettelheim (1976) é o principal representante da tendência psicanalítica de interpretar os significados dos enredos, personagens, e conflitos veiculados pelos contos de fadas, entendidas como formas que a cultura encontrou para direcionar a afetividade e os conflitos internos das crianças.

Seguindo essa tendência, Chinen (1987) analisou o conteúdo de 2500 contos de fadas tradicionais, em busca das principais formas de veiculação da imagem do idoso. O primeiro dado interessante dessa pesquisa foi que, em apenas 50 desses contos, o idoso figurava como personagem central. Os demais tipicamente tratavam das transformações desenvolvimentais infantis e adolescentes ou da trama do herói. Quanto ao tratamento proporcionado ao idoso, identificou seis temas: *pobreza e privação; isolamento e auto-reformulação; transcendência; prudência; ingenuidade ou inocência e contato com o sobrenatural*. Segundo o ponto de vista de Chinen, esses contos cumprem a função de continuar os contos sobre jovens que, ao final de várias provações, casavam-se e eram felizes para sempre. Além disso, ensinam sobre o alto valor do idoso para o seu grupo e sobre o potencial de desenvolvimento inerente à velhice. Asseguram à criança que a união entre a ingenuidade, a magia e o conhecimento só pode acontecer na velhice, época em que o ser humano pode transcender sua experiência terrena, através da sabedoria e da memória, que são atributos típicos dos idosos.

A maioria das pesquisas sobre como o idoso é retratado nos meios simbólicos - incluindo-se aí, além da literatura infantil de ficção, livros didáticos, desenhos animados, tiras de humor, cartões de aniversário, poemas, literatura para adultos, anedotas, anúncios impressos e

conteúdos televisivos - resultou nas percepções de que predominam imagens negativas e estereotipadas, e de que os velhos aparecem com baixa frequência e em papéis secundários (McTavish, 1971; Seltzer e Atchley, 1971; Palmore, 1971 e 1986; Sohngen e Smith, 1973; Aronoff, 1974; Northcoat, 1975; Barnum, 1977; Peterson e Eden, 1977; Richman, 1977; Blue, 1978; Gerbner et al., 1980; Wober e Gunter, 1982; Elliot, 1984; Passuth e Cook, 1985; Holtzman e Akyiama, 1985; Dobrosky e Bishop, 1986; Almerico e Filmer, 1988).

A análise desse material permite identificar variações na intensidade e no conteúdo das imagens negativas e, em alguns poucos trabalhos, percepções positivas. Essa variação pode ser atribuída à coexistência de várias realidades individuais e sociais de velhice, como sugere a literatura sociológica, bem como à existência de várias ideologias à respeito de seus determinantes e significados.

Embora exista uma certa tradição na pesquisa brasileira sobre os significados veiculados pela literatura infantil (ver por exemplo, Abramovitch, 1983, calcada na obra de Bonazzi e Eco, 1980; Garcia, 1980; Nosella, 1981; Zilberman e Magalhães, 1982; Lajolo e Zilberman, 1985; Rosemberg, 1984; Zilberman, 1985; Miceli, 1985; Cadermatori, 1987; Zilberman e Bordini, 1989), não existe nenhum estudo focalizando as imagens de velho ou velhice. Possivelmente é porque a velhice no Brasil, ainda não é um fato social com suficiente visibilidade para gerar problemas de pesquisa, ou mesmo intervenções educacionais.

Acredita-se que um estudo de levantamento com o objetivo de identificar as imagens do velho e da velhice, veiculadas por textos brasileiros de ficção para crianças venha a revelar imagens múltiplas, tanto positivas como negativas, assim como estereótipos sobre velhice. Talvez se afigurem mais variadas e contraditórias que as encontradas na literatura de língua inglesa, porque a realidade social da velhice no Brasil, hoje, comporta grande heterogeneidade, graças às profundas diferenças sócio-econômicas e educacionais vividas pela sua população.

Os idosos brasileiros que hoje têm entre 60 e 80 anos são sobreviventes das coortes etárias nascidas entre 1910 e 1930 e que participaram ativamente do processo de modernização do País, com seus correlatos de industrialização e urbanização. A esmagadora maioria vive hoje, porém, à margem da economia formal, e excluído do sistema de seguridade social. Só uma minoria extremamente reduzida tem acesso à padrões de qualidade de vida similares aos encontrados em países ricos.¹

Aceitando-se o ponto de vista da teoria de aprendizagem social-cognitiva, é possível pressupor que os autores de textos infantis descrevam ações, valores e sentimentos que presenciaram ou experienciaram diretamente e que se constituem em ocorrências normativas em seu grupo de origem. Na qualidade de profissionais da literatura infantil, provavelmente pertencem às camadas mais educadas da sociedade e respondam às expectativas e ideologias nela atuantes num dado momento histórico-cultural. Com certeza sabem que o que se espera deles é que eduquem as crianças, moralizem-nas, ensinem-lhes expectativas quanto ao curso de vida normal e esperado para o indivíduo e para a sociedade.

Um estudo como este pode representar uma contribuição à Educação brasileira, no sentido de esclarecer um aspecto dos conteúdos e significados sociais veiculados pela escola. Pode significar uma contribuição à pesquisa básica sobre atitudes em relação à velhice, na medida em que a análise de conteúdos dos meios simbólicos ajuda a compreender os valores vigentes num determinado contexto sócio-cultural. Pode finalmente lançar alguma luz sobre a questão da ideologia de velhice presente na Gerontologia nacional, ainda refletindo as concepções tradicionais, que creditam as perdas da velhice à fatores biológicos e atribuem ao indivíduo, e não às condições oferecidas pelo contexto sócio-cultural, a responsabilidade por envelhecer com boa qualidade de vida (Neri, 1993).

A presente pesquisa teve como *objetivo* identificar os significados associados à velhice

e ao idoso, num conjunto de textos infantis brasileiros adotados por escolas de 1º grau.

Método

Inicialmente foi realizado um levantamento visando à identificação de textos que as escolas recomendam para crianças de 3ª e 4ª séries primárias. Por intermédio de um questionário impresso em que se pedia que listassem os livros que costumam adotar e os que gostariam de indicar para seus alunos, foram contatados 172 professores de 43 escolas de 1º grau, públicas (35) e privadas (18), sorteadas dentre os estabelecimentos de uma cidade industrial de médio porte localizadas na região sudeste do Estado de São Paulo. O retorno de 112 questionários respondidos permitiu a organização de uma lista de 114 diferentes títulos. Excluídos os incorretos, incompletos e esgotados, restaram 95, sendo 90 nacionais e cinco estrangeiros. Estes foram excluídos, assim como, dentre os nacionais, dois livros de contos e dois de poesia. No conjunto resultante de 86 textos nacionais em prosa, nove eram tradicionais, de autoria de Monteiro Lobato, Maria José Dupré e Érico Veríssimo, e 77 haviam sido publicados entre 1970 e 1980.

Os critérios usados para selecionar textos alusivos a idosos foram os seguintes: (1) presença de idosos figurando como *personagens*; (2) presença de idosos figurando como narradores ou *fontes de referência cultural*; (3) uso de rótulos tais como, *velhinho(a)*, *velho(a)*, *aposentado* ou *vovô(ô)*; (4) menção à idade (*mais de 60 anos*), e (5) uso de metáforas que permitissem identificar a velhice (Ex: *árvore encurvada, nodosa; inverno da vida*).

A partir desses critérios foram identificados 35 livros que se constituíram na amostra analisada na pesquisa. (ver Anexo 1). Primeiramente foi feita uma *leitura flutuante* (Bardin, 1979), para se conhecer o enredo, marcar os locais de referência a idosos e estabelecer hipóteses sobre as categorias a serem analisadas. Na segunda leitura foram

realizados os registros textuais dos trechos de interesse, numa ficha elaborada a partir do acôrdo de três juízes. Os itens dessa ficha eram os seguintes, constantes do quadro abaixo.

1. *Aspectos sociológicos*: nome, apelido(s), sexo, raça, idade, nível de escolaridade, nível sócio-econômico, ocupação, lazer, estado civil, local e tipo de residência, e tipo de arranjo familiar.

2. *Características físicas e psicológicas*: menção a cabelos brancos, calvície, rugas, ausência de dentes, deficiências sensoriais, uso de próteses ou aparelhos de apóio, dependência física e psicológica, depressão, cansaço físico e mental, problemas cognitivos e alterações de personalidade, insatisfação com a vida, doença, perdas físicas e psicológicas e morte.

3. *Interação social*: como, quanto, quando, e onde interage na família e na comunidade, com atenção especial às relações com os mais jovens, as crianças e os outros idosos, e à maneira como os outros se relacionam com ele (padrões de aceitação/rejeição, valorização/desvalorização, proximidade/afastamento).

4. *Padrões de comportamento do idoso, complementando e ilustrando os itens 2 e 3* - aspectos afetivo, cognitivo, ocupacional, de lazer, social, moral e religioso.

5. *Uso do termo velho*: para inferiorizar, ridicularizar, despersonalizar e infantilizar.

6. *Adjetivos usados para qualificar o idoso*.

As ilustrações foram analisadas em conjunto com os textos, procurando-se extrair delas informações complementares a respeito dos critérios utilizados. Foram adotadas como pistas, detalhes referentes ao aspecto físico e às vestimentas, como por exemplo cabelos brancos e ombros encurvados, presença de xale e birote nas mulheres, ou de pijamas nos homens.

As fichas de registro, uma para cada idoso identificado nos textos, permitiam a inserção de um pequeno resumo, de citações textuais e de descrições das ilustrações. Foram preenchidas

por três leitores informados. Um deles leu a totalidade dos textos e os outros dois leram 10% diferentes cada um. Seus registros foram cotejados em busca de acôrdo total.

Resultados e Discussão

Nos 35 textos analisados foram identificados 63 idosos, sendo 33 mulheres e 30 homens. Em 62% dos casos apareciam como fontes de referência cultural, narrando ou interpretando fatos pertencentes à memória ou aos valores tradicionais do grupo. Em 14,5% eram personagens secundários ou de apóio à trama, ou seja as histórias não os tinham como sujeitos principais, nem eles tinham papel decisivo em seu desenrolar ou desfêcho. Em 23,5% surgiam de passagem, como figurantes ou membros do contexto humano, mas sem falas, decisões ou atuação relevante.

Esses dados são parecidos com os da literatura estrangeira e confirmam uma das hipóteses desta pesquisa, de que não só sua presença numérica como sua importância e instrumentalidade nas tramas seria pequena, justamente porque é esse o lugar que se reserva à minoria social idosa na sociedade brasileira. Confirma-se igualmente o dado clássico da pesquisa sobre literatura infantil, que indica versar ela principalmente sobre as ocorrências e vicissitudes da infância e da adolescência, uma vez que teria sido criada pela cultura como um artifício educacional dirigido aos membros mais jovens da sociedade.

O fato de aparecerem principalmente como fontes de referência cultural confirma que a sociedade prefere veicular entre as crianças, que os idosos desempenham o papel de depositários e guardiães dos valores e tradições do grupo. Se bem que hoje destituídos de seu poder mítico de entrar em contato com o sobrenatural, como ocorria nas sociedades tradicionais e históricas, e que se revela claramente nos contos de fadas, eles continuam a ser apontados como detentores de uma sabedoria alicerçada na memória e na experiência de vida pessoal e de seu grupo de referência.

As imagens veiculadas quanto às formas de interação com a família e a sociedade - abrangendo relações familiares, conjugais, intergeracionais e com pessoas da mesma idade; local e tipo de residência; nível de renda e de escolaridade; profissão; atividades ocupacionais e de lazer - são variadas e representativas de seu baixo status na sociedade. Juntamente com a ênfase em perdas e deficiências físicas e comportamentais, aparecem a despersonalização e o ridículo a que são submetidos com muita frequência nos textos. Tais imagens correspondem à um tratamento preconceituoso dessa categoria etária.

Esses comentários gerais resumem as informações de onde foram derivados os conteúdos temáticos que serão detalhados nos próximos tópicos.

O primeiro tema derivado foi o da *sabedoria*, visto que os textos atribuem ao idoso um papel de educador, cujo exercício depende de um conhecimento derivado da experiência de vida, o qual lhe permite funcionar como um elo entre as tradições e os valores do grupo e as crianças e, com conselhos, ajudar a resolver questões importantes ligadas à pragmática da vida.

O segundo tema foi o do *isolamento*, porque os idosos são retratados preponderantemente como pessoas afastadas do mundo social dos adultos, já que não tomam decisões nem realizam soluções. São conselheiros passivos e conformistas, no exercício do papel de depositários de valores, que a sociedade lhes atribui.

O terceiro diz respeito às formas sutis e simbólicas pelas quais a sociedade desvaloriza os idosos, justificando essa prática pela existência de deficiências comportamentais, decorrentes da idade avançada, as quais atingem à toda a categoria etária. Foi denominado *despersonalização e falta de senhoria*, por referir-se à questões de identidade individual e social.

O quarto e último tema trata das perdas biológicas, psicológicas e sociais comumente atribuídas ao idoso, como eventos universais e

irreversíveis, que justificam o afastamento a que são submetidos pela sociedade. Foi chamado de *perdas*.

Tema 1. Sabedoria.

Velhice e sabedoria são conceitos fortemente associados, a partir de um referencial histórico em que o status do idoso era ligado ao domínio de informações importantes para a continuidade do grupo. Em sociedades em que a religião, a medicina e a magia eram assuntos interdependentes, o idoso detinha os poderes para curar e comunicar-se com as divindades. Seus conhecimentos sobre fatos, rituais e valores do grupo, transmitidos oralmente de geração em geração, conferiam-lhe prestígio e poder (Cowgill e Holmes, 1972). Até hoje essa associação se mantém, como uma espécie de ideal de excelência.

A partir do exame de concepções histórico-culturais de sabedoria, da consideração de concepções subjetivas sobre o tema e da análise do comportamento definido operacionalmente como sábio, Baltes e seus colaboradores definem a sabedoria como um sistema de conhecimento especializado na pragmática fundamental da vida, o qual permite uma capacidade ótima de julgamento e aconselhamento envolvendo temas controversos e importantes da condição humana. Envolve ainda a moderação, a profundidade e a objetividade; está voltada para o bem estar da humanidade e combina inteligência e virtude. Fácilmente reconhecida quando em ação, é uma capacidade difícil de ser alcançada (Baltes, 1993).

Como já comentado na introdução deste artigo, o papel tipicamente reservado ao idoso na literatura infantil, a partir da tradição das lendas, contos folclóricos e histórias de fadas, é o de sábio, no sentido da definição acima. Os velhos dos textos analisados contam e recontam o passado, sempre solícitos e complacentes, verdadeiros livros abertos à espera da curiosidade das crianças. Falam e aconselham principalmente sobre os fatos da vida. Ao

agirem como conselheiros, retornam ao passado, relembram a infância dos próprios filhos, fazem comparações com o presente e apontam semelhanças e diferenças de costumes e personalidade. A ênfase é sobre a continuidade da experiência entre as gerações, como um fator determinante de coerência e progresso. No entanto, a sua atuação restringe-se ao domínio verbal, ficando as tomadas de decisão e a realização, a cargo dos mais jovens. Assim os idosos não competem nem ameaçam o jovem.

Muitas vezes os idosos procurados como conselheiros são personagens de fantasia, cumprindo o mesmo papel de interpretar e facultar à criança o acesso ao mundo dos adultos. Nesses casos eles vivem em locais afastados e inóspitos, obrigando os jovens à vencer provações, para se tornarem merecedores de soluções para seus problemas. Ao retornar a essas tramas clássicas da provação e da espera, permitem que as crianças experienciem simbolicamente a necessidade de vencer os períodos de transição da vida infantil para a vida adulta, para poderem ser reconhecidos como membros maduros de seu grupo (Bettelheim, 1980).

Outro elemento dessa sabedoria associada ao exercício do papel de fonte de referência cultural é representado pela veiculação da noção de continuidade entre o desenvolvimento individual e o cultural. O texto *Bisa Bia Bisabel*, por exemplo, retrata a relação de uma bisavó centenária com sua bisneta. Nos diálogos entre as duas Beatrizes são confrontados hábitos antigos e atuais e veiculada a idéia de relatividade cultural e histórica. A idéia de continuidade do curso de vida individual através da memória do grupo e da descendência, fica bem clara através da projeção no futuro, de uma personagem que será bisneta da menina e a quem ela contará histórias e dará conselhos, a exemplo do que faz a bisavó na atualidade.

Analisando uma amostra de textos da literatura norte-americana de ficção para crianças, Blue (1978) verificou que o idoso desempenha essas funções educativas e de

ajuda, o que parece ser algo esperado e valorizado pelo grupo social, principalmente em relação às crianças do convívio familiar. Nesse sentido, o ato de contar histórias é apresentado como bom, rotineiro natural e esperado. O idoso e suas histórias representam, enfim, o elo com o passado que dá sentido à experiência pessoal e grupal. Com conselhos e advertências permitidas pela sua sabedoria, o idoso valida e sanciona comportamentos, estabelece padrões e expectativas e anuncia os valores mais perenes do grupo.

Tema 2. Isolamento

Com respeito às formas de interação do idoso nos vários domínios da convivência social, as imagens veiculadas são numerosas e variadas, confirmando dados da pesquisa internacional.

Trinta e dois por cento dos idosos identificados são viúvos e vivem com seus filhos e netos. Dezesseis por cento vivem com seus cônjuges em seu próprio domicílio, onde têm contatos ocasionais com filhos e netos. Vinte e três por cento vivem sós, em seus domicílios (casas, castelos, grutas ou na floresta). Para 29% não há informação sobre o tipo de arranjo habitacional e familiar, sendo comum a menção à convivência com animais de estimação, talvez uma alusão ao isolamento ou a famílias unipessoais.

Cerca de 44% dos idosos brasileiros de mais de 65 anos vivem em famílias nucleares, 41,3% em famílias extensas, 11,8% em famílias unipessoais e 2,6% em famílias compostas. As mulheres idosas moram principalmente em famílias extensas e os homens nas nucleares, com suas esposas. As mulheres que vivem sózinhas correspondem a 15% do contingente de idosos do país, e somente 8% dos homens idosos vivem sós (Berquó e Cazenaghi, 1988).

Como se vê os textos veiculam informações um tanto diferentes da realidade apontada por pesquisas demográficas, que mostram que muito poucos idosos brasileiros vivem sós. Não é possível saber ao certo se os autores estão

simplesmente refletindo a realidade de seu grupo social, uma vez que é entre as camadas sociais de renda e escolaridade mais alta que se concentram os 10% de idosos que vivem sós no Brasil, nas grandes áreas metropolitanas (Ramos et al., 1991).

De qualquer modo, essa informação veiculada pelos textos pode estar antecipando as alterações nas configurações familiares, decorrentes do envelhecimento populacional, fato que já está se tornando realidade no Brasil, principalmente em suas regiões mais desenvolvidas.² Pode também estar antecipando as dificuldades de proporcionar cuidado e proteção a um contingente populacional crescente, numa sociedade em crise. Pesquisas recentes mostram que os cuidados oriundos de redes informais de apóio, formadas por filhos, parentes e amigos, constituem a mais importante fonte de suporte a idosos. Nos Estados Unidos, 80% dos cuidados provêm dessas fontes e no Canadá, 94%. Um terço dos cuidadores nesses países são únicos, em geral cônjuges idosos, filhas de meia idade, e viúvas (Kane e Kane, 1990). Em contrapartida, em caso de doença ou incapacidade, 2% dos idosos brasileiros não contam com qualquer ajuda familiar, 40% contam com o cônjuge, 35% com a filha, 11% com o filho e 10% com a família. Nos domicílios unigeracionais cresce a perspectiva de ajuda do cônjuge (60%), e nos multigeracionais, da filha (56%) e do filho (13%).

Comentando esses dados, Ramos (1987) diz que os domicílios multigeracionais parecem assegurar guarida, mas não necessariamente apóio afetivo aos idosos. O apóio afetivo tende a diminuir em situações de alta dependência física e psicológica, e a transformar-se em negligência e máus tratos, principalmente em grupos de baixo nível econômico e educacional, migrantes das zonas rurais e altamente afetadas pela pobreza. Semelhante tendência contradiz a noção corrente de que as famílias multigeracionais, por serem oriundas de tradições rurais e patriarcais, tendem a proteger e a honrar seus idosos. De acôrdo com dados

clássicos da pesquisa antropológica, é quando o idoso retém o papel de chefe da casa, que tem maiores chances de ter autonomia e merecer respeito e reconhecimento social (Keith e Kertzer, 1984).

Em sua maioria (76%), os idosos identificados residem em casa, e isto vale tanto para as pequenas cidades, onde vive a maior parte da amostra, como para a zona rural. Não foram encontrados idosos morando em instituições, da mesma forma que ocorrera na pesquisa de Blue (1978). Com isto provavelmente os textos estariam fortalecendo a noção de que a família é responsável pelo seu idoso, o que é inclusive socialmente útil, num País que não tem como atender às necessidades de saúde de seus pobres, crianças e idosos, categorias sobre as quais recaem os subprodutos mais nefastos da desagregação do Estado.

Embora os textos não mencionem explicitamente a condição econômica dos idosos, esta parece ser boa, a se confiar nas descrições sobre o estilo de vida. Mesmo nos casos em que são identificados como pobres (34,2%), não se observam problemas severos de ordem financeira. A grande maioria é de raça branca (85,7%), possui alguma escolaridade, embora sem referência clara ao nível, e 77,8% são apresentados como leitores.

Os negros (11,1%) não são retratados com as marcas físicas da velhice nas ilustrações, e são reconhecidos como idosos pela menção à idade avançada ou ao fato de terem sido escravos. Todos são analfabetos, pobres e prestadores de serviços braçais e pouco valorizados socialmente. Os mestiços (3,2%) são ainda mais discriminados socialmente, nem havendo informações sobre seu nível de instrução ou de renda, o que replica os dados de Abramovitch (1983) e de Lajolo e Zilberman (1985) sobre as representações do negro na literatura infantil brasileira.

Os dados acima, embora digam respeito a um recorte muito reduzido da totalidade do material de ficção destinado à crianças no Brasil, retratam possivelmente a realidade social de uma camada populacional restrita, residente nas regiões urbanas mais desenvolvidas, que é

possivelmente de onde provêm os seus autores e onde eles alocaram personagens com status suficiente para transmitir os valores e tradições do grupo. Não retratam a realidade sócio-econômica da maioria dos idosos brasileiros.³

Quando observada a atividade profissional dos idosos, foram encontrados dois grupos: o de ativos, totalizando 53,3% dos casos, e os inativos, a maioria dos quais identificados como aposentados, com 46,7% dos casos. Dentre os ativos a maioria é masculina, em geral proprietários rurais ou comerciantes. Em relatos fantasiosos são magos, sábios ou fantasmas, repetindo a tradição dos contos de fadas. Quando identificados como aposentados não há informação sobre a profissão anteriormente exercida. As marcas distintivas da aposentadoria são o pijama e os chinelos, que transmitem a noção de ociosidade, e os suspensórios, que têm conotação de atraso. Cerca de metade das mulheres são retratadas como donas de casa; outras 40% aproximadamente são cozinheiras, arrumadeiras ou sitiantes. Como se vê, tanto no caso dos homens como das mulheres, os idosos aparecem, ou desempenhando funções que exigem pouca acuidade mental e especialização, ou então destituídos de identidade profissional e social, tanto na condição de inativos como na de aposentados. Dez por cento das mulheres aparecem como bruxas, fadas, fantasmas ou vampiras, replicando os relatos clássicos de fantasia.

Semelhantes dados são ilustrativos da vigência de uma ideologia de velhice que enfatiza as perdas, sua universalidade e irreversibilidade. Mais que isso, justifica o afastamento a que são submetidos os idosos na sociedade por causa de sua incompetência comportamental, vista como decorrente das perdas biológicas. Ao perderem a identidade advinda da inserção no mercado de trabalho, eles se tornam alvo das políticas pretensamente protecionistas do Estado, mas que nada mais fazem, principalmente no Brasil, que acentuar-lhes a falta de cidadania. A Medicina e a Psicologia são invocadas para validar essas práticas e contribuem assim para a marginalização social e científica do idoso (Neri, 1991).

A relativa discrepância encontrada entre os dados sobre estilo de vida e interação social dos idosos retratados nos textos, e os dados demográficos, sugere novamente que os autores basearam-se provavelmente em sua experiência, típica das camadas da maior poder aquisitivo (ver nota 2). Além disso, não se pode descartar a hipótese que, ao retrata um padrão de vida mais elevado do que a grande maioria dos idosos brasileiros realmente possui, eles estariam veiculando um ideal social de maior bem estar.

Os idosos apresentados estão aparentemente adaptados ou conformados ao seu ambiente social. Não há menções à insatisfação, mas ao contrário, todos são mostrados como tranquilos, felizes, sem qualquer tipo de problema, nem da vida cotidiana, nem do seu curso de vida pessoal ou geracional. Contudo estão sempre dentro de casa, em isolamento, as mulheres fazendo crochê e tricô e os homens cuidando da horta e de animais domésticos, sem dúvida atividades que não se coadunam com o estilo de vida dominante nas regiões metropolitanas, onde reside a maioria dos idosos brasileiros. No entanto esse é o estilo de vida das populações rurais, das quais se originaram em grande parte nossas populações urbanas, a partir das várias ondas migratorias internas ocorridas a partir dos anos 30, e que se intensificaram nos anos 50 e 60 (Costa, 1992). Segundo as idealizações correntes, nesses grupos o idoso era prestigiado. Talvez ao referenciá-los, os autores estejam anunciando um ideal social, o de velhos desengajados, porém adaptados.

Os homens são mostrados como mais instrumentais que as mulheres. Em geral são eles que dão as informações que permitem aos jovens encontrar soluções, ou então desvendam mistérios e encaminham as tramas. Eles são principalmente conselheiros. Seu saber não é contestado, nem suas determinações são desobedecidas. As mulheres raramente elaboram intelectualmente as soluções: reproduzem magias já testadas, mandam ler, recontam histórias. Enquanto o avô resolve a avó faz trabalhos domésticos. Só num dos

textos analisados (*A curiosidade premiada*), uma mulher idosa resolve problemas com os seus conselhos. Mas ela é uma professora aposentada, o que pode significar que, para ter credibilidade, o conselho feminino tem que ser validado pela inserção profissional da autora. Ou seja, a sua sabedoria não é *natural*, mas sim um saber profissional.

Os velhos interagem principalmente com crianças (60% dos casos), que em geral são seus netos (51% das ocorrências). Só em 9% dos textos o relacionamento das crianças se dá com idosos que não são seus parentes. A atitude dominante é de tolerância, paciência, amabilidade e disponibilidade. No máximo ficam cansados de fazer a mesma coisa, responder às muitas perguntas das crianças, sempre incansável e valiosamente curiosas. As raras admoestações têm intuito educativo, nunca de oposição ou restrição.

A interação com adultos também é rara, e quando acontece, é com filhos e parentes, para aconselhar sobre fatos do curso de vida ou sobre a educação de filhos. É interessante notar que raramente aparecem interações entre idosos. Mesmo os cônjuges não interagem, mas atuam paralelamente, cada um no seu mister, o que, junto com a escassez de episódios de interação com adultos de um modo geral, dá uma idéia clara de afastamento e de falta de perspectivas, uma vez que não há ocupação remunerada, nem o exercício de papéis parentais em jogo.

A veiculação desses tipos de informação à respeito da realidade da velhice contradiz o importante dado da pesquisa psico-sociológica sobre bem estar na velhice, segundo o qual a manutenção de relações, principalmente com pessoas da mesma geração, é fonte importante de satisfação na velhice (George, 1990). Ocorre que, em regiões em processo acelerado de urbanização, os idosos correm o risco de realmente ficar isolados ou confinados, por dificuldades de locomoção ou questão de segurança. As mudanças na estrutura e nas relações familiares que, com a diminuição na taxa de natalidade e a profissionalização crescente das mulheres, tendem a produzir em

pouco tempo, alterações substanciais nos papéis e valores da família (Berquó e Cazenaghi, 1988), também parece ser um componente importante do isolamento dos idosos, retratado perfeitamente pelos textos.

Em suma, as formas de interação descritas nos textos são fortalecedoras da noção do afastamento e veiculam a ideologia de que uma velhice bem sucedida depende da iniciativa individual quanto a procurar manter-se ativo e satisfeito, e não de uma desejável e adequada conjugação de atributos individuais e de fatores do contexto sócio-cultural (Featherman, Smith e Peterson, 1990).

Tema 3. Despersonalização e Falta de Senhoria

Um dado que chama a atenção é a aparente incongruência entre o tratamento reverente que os idosos, enquanto fontes de referência cultural, merecem nos textos, e a maneira discriminatória com que são tratados quando desempenhando outros papéis. A escassez de informações sobre profissão, educação, estado civil, e mesmo sobre o nome, traduz esse tratamento de forma exemplar.

Quarenta e três por cento dos idosos são chamados apenas de *Vovô*, *Vovó* (Ex: *Aquela senhora que tinha voz simpática e logo decorou o nome dela, chamava-se Vovó*); *Tio*, *Tia*; *Vó* *Bisa*, ou *Vô Quim* (Joaquim, supõe-se); e *Tio Barnabé* (sem porem que se saiba de quem é tio). Vinte e oito por cento são chamados apenas pelo primeiro nome. Quando identificados por nomes completos, comumente é por meio de denominações incomuns ou ridículas (*Nhô Chicuta*, *Sempre-Viva*, *Senhor Emalucado da Silva*, *Grande Amigo Harmonia*, *Nonô*, dentre outras) com conotação agressiva e depreciativa. Em 18% dos casos são designados por *o Bruxo* ou *a Bruxa*, *o Mago* e *o Rei*, no caso de serem personagens de fantasia. Onze por cento são chamados apenas de *Velho* ou *Velha*, ou *Preto Velho*, *Velho de Barba Branca*, *Velhinha Desligada*, *Velho Aposentado*, *Aposentado e Velho Palhaço*.

Vinte e cinco por cento dos idosos aparecem como figurantes, complementando situações sem grande importância para o contexto, quase sempre de modo depreciativo (Exs: *uma morcega velhinha, velhinha, cujas antenas não funcionavam muito bem; uma velhinha meio desligada que não escutava muito bem*).

Muitas vezes o termo velho é usado no diminutivo, quer denotando compaixão, quer inferioridade Exs: *Sua avó está velhinha, é preciso ter pena dela, né? Uma velhinha meio desligada que não escutava muito bem. Minha bisavó é velhinha, tem cabeça branca, óculos, vestido de velha, não dá para sair por aí brincando comigo*). Este último exemplo, inclusive realça o isolamento, causado pela impossibilidade de o idoso atender os padrões sociais estabelecidos para os adultos, jovens e crianças.

Muitas vezes os velhos são ridicularizados e ofendidos, através do realce de suas deficiências reais ou presumidas, como é típico nas situações de preconceito. *Velho caduco, coroca, bobo, desligado* chamam a atenção para a senilidade. Esta é associada também a objetos e elementos, em expressões metafóricas que indicam a extensão semântica da palavra *velho* (Exs: *O pomar de D.Benta está tão velho que qualquer dia se põe a caducar, ou Passava os dias na cadeira velha que rangia, como é dever de toda cadeira velha, ou Dedeco era um velho caminhãozinho...vivido, que sabia muito bem para onde apontava o seu radiador e não precisava de ninguém que o dirigisse*).

Em outras, o idoso é ofendido ou ridicularizado através de um processo de deslocamento de agressão Exs: *Bruxa é sua avó... macaquento... peludento descendente de dinossauro... é a vovózinha... louro é a vovózinha; remexeu tudo que nem mulher velha*). O fato dessas ofensas aparecerem disfarçadas numa forma de humor que realça a incongruência não descaracteriza, antes realça o caráter agressivo das verbalizações. Palmore(1986) argumenta a esse respeito que, dessa maneira, as pessoas revelam atitudes que não querem admitir, já que o humor é uma

forma de expressão de impulsos reprimidos. O fato de a velhice ser caracterizada como feia ou ridícula (haja vista que nos contos tradicionais é comum transformar donzelas em velhas feias, e rapazes em animais sujos, feios e velhos, como forma de punição ou provação), pode por outro lado, favorecer a aprendizagem da noção que essa é uma realidade a ser evitada, assim como aos velhos (Neri,1991).

As formas de tratamento coloquial, pretensamente informal, que replicam o que acontece nas ruas, na televisão, nos bancos, no comércio, nas repartições públicas, nos serviços de saúde e no trânsito, sem dúvida podem ser vistas como marcas de linguagem, que denotam costumes e valores da nacionalidade. Nem por isso podem deixar de ser consideradas como preconceituosas e como formas socialmente aceitas de deslocamento de agressão, numa sociedade que aprendeu a ver-se, talvez num falso espelho, como cordial e tolerante.

Em resumo, o ridículo, a inferiorização, a despersonalização, e a falta de senso de senhoria com que se lida com os idosos, denotam preconceitos contra essa categoria etária, preconceitos que consistem em atribuir inferioridade à totalidade dos idosos, com base na noção de que são incompetentes, por causa das perdas físicas, cognitivas e sociais características da velhice. O último tema derivado dos registros trata especificamente delas.

Tema 4. Perdas

Históricamente a área de pesquisa sobre atitudes em relação à velhice desenvolveu-se principalmente a partir de pressupostos derivados do senso comum, que serviram de base para a realização de estudos de natureza transcultural, histórica e de levantamento, com amostras selecionadas principalmente por critérios de idade, sexo e profissão. Formou-se assim um corpo de conhecimentos cujos pontos principais são os seguintes:

1. As atitudes sociais e individuais em relação à velhice são em geral negativas, e essa

qualidade negativa explica em grande parte a discriminação a que o idoso é submetido na sociedade.

2. Nas sociedades primitivas e históricas, caracterizadas por menor mobilidade social, as atitudes em relação à velhice são positivas. O homem tende a ter alto prestígio em sociedades agrícolas e patriarcais, e a mulher naquelas em que predominam a caça, a pesca e o matriarcado. A introdução de novas tecnologias e a especialização do conhecimento e da produtividade estão geralmente associadas ao rebaixamento do status e do prestígio do idoso.
3. A supervalorização da produtividade, da realização e da autonomia que caracterizam a sociedade capitalista, determinam o rebaixamento de status e a atribuição de incompetência comportamental aos idosos. Em virtude dos estereótipos que se estabelecem em função desses processos, os idosos perdem poder político e econômico, e ficam prejudicados quanto à possibilidade de reivindicar respeito e status social.
4. As atitudes negativas em relação aos idosos refletem sentimentos negativos em relação ao baixo status social, à pobreza, à doença, à solidão e à morte, que passam a ser vistas como associadas à velhice.

A teoria do desengajamento, que apareceu no início da década de 60, veio corroborar esses pontos de vista, ao explicar a velhice em termos do afastamento compulsório, porém consentido, dos idosos em relação à sociedade. Assim, as pessoas aprendem desde a sua infância, que é *normal e esperado* que, por ocasião da ocorrência da decadência física e psicológica que caracteriza o terço final da existência, os indivíduos se retirem, para ceder lugar aos mais jovens e melhor aparelhados para a vida social. Essa teoria assume que a perda de papéis e de status, decorrentes do afastamento, determinam depressão, sentimentos de inferioridade, dependência e desajustamento social nos idosos (Passuth e Bengston, 1988).

A ideologia do afastamento contrapõe-se à da atividade, na explicação da velhice segundo a ótica das ciências sociais. A noção sobre a qual repousa a teoria da atividade é a de que os idosos podem diminuir e mesmo evitar os efeitos prejudiciais da velhice sobre o seu ajustamento, se se mantiverem ativos. Embora dissociadas do mundo do trabalho (pela aposentadoria), e do cenário familiar convencional (pela saída dos filhos adultos de casa), a intensificação das interações sociais e o desempenho de papéis, aprovados para o seu grupo etário, tendem a gerar aprovação social e conseqüentemente melhora na auto-estima e no senso de bem estar (Passuth e Bengston, 1988).

Aparentemente antagônicas, mas na verdade complementares, as duas teorias geraram muita polêmica. No entanto sua influência ideológica sobre a Gerontologia e sobre a pesquisa sobre atitudes em relação à velhice foi profunda, pelo menos até a década de 70, quando começou uma onda crítica contra o que se convencionou chamar de *preconceito científico contra o idoso*, ou *ageism* (Butler, 1969 e 1980; Schaie, 1988).

Os preconceitos científicos contra o idoso foram reforçados pela Psicologia do Desenvolvimento, por meio de suas concepções clássicas sobre a periodização da vida e sobre a determinação genético-biológica do envelhecimento, o qual teria um curso idêntico para todos os seres humanos, caracterizado por perdas biológicas e psicossociais irreversíveis. A aceitação dessas noções tende a gerar expectativas de *comportamento típico de idosos*, geralmente deficitário, se comparado ao de indivíduos mais jovens. Perde-se assim de vista o caráter heterogêneo da experiência da velhice, tanto no âmbito individual como no social, e estabelecem-se as bases para o tratamento discriminatório do idoso, tanto pelos pesquisadores quanto pelos praticantes da Psicologia e da Gerontologia, as quais por sua vez passam a influenciar as concepções sociais. Cria-se ademais, um sistema de alimentação recíproca dos preconceitos porventura existentes nas ciências e na sociedade.

Nos textos analisados, os idosos geralmente aparecem sentados em poltronas confortáveis ou em cadeiras de balanço (41,3% dos casos). Quando em pé, são mostrados sempre arqueados para a frente e alquebrados. O cansaço dos velhos advem da idade avançada e nesse sentido é natural e esperado, tanto quanto a curiosidade das crianças, valorizada como típica da fase de crescimento da vida. Em alguns casos há menção ao tédio decorrente da vida, da falta de perspectivas para o futuro e da certeza de que a morte está próxima.

Sua fisionomia em geral é sorridente (em 48% das ilustrações), expressando tranquilidade, satisfação e conformismo. Metade dos idosos são retratados sem rugas e todos têm dentes. Os cabelos sempre são brancos ou grisalhos (menos para os negros), presos em coques ou birotos nas mulheres, ou cobertos por chapéus, no caso dos homens. Parte dos homens são calvos. Cerca de 25% do total usam óculos e bengala.

Em 81% dos casos os idosos são descritos como saudáveis, embora cansados. Nos 19% de casos em que aparecem menções à doenças, as citações são de reumatismo, visão prejudicada e rouquidão, porém não como reclamações dos idosos, mas como descrições do autor do texto ou de outros personagens. Não há referências explícitas à saúde mental, a não ser no sentido pejorativo e genérico citado no tópico precedente.

A morte de idosos só aparece em 11,5% dos textos, associada à transmissão de um legado espiritual ou material, lembrando a temática do idoso como elo entre as gerações e fonte de referência cultural. Os velhos morrem em decorrência da passagem do tempo e da senilidade, de forma natural, calma, sem dor e sem sofrimento.

Quando a velhice é mostrada como algo que sobrevem de repente, causando grande perplexidade e desconforto, a morte é apresentada como desejável, como um alívio (Ex: *Envelhecera muito, de repente, como se todo o peso do mundo lhe tivesse desabado nas costas. Ou como se o planeta tivesse girado*

tanto sobre o seu eixo, que acabasse não fazendo mais sentido algum, e fôsse melhor para uma pessoa sensata como ele sentar e esperar a morte.

Simultaneamente os textos apontam a sabedoria e a experiência típicas da velhice como vantagens compensatórias dessa fase da vida., muito embora sejam comuns as reminiscências de teor avaliativo, que mencionam as competências da juventude. Como já salientado, o tom não é de queixa, mas de satisfação conformista diante das perdas e da falta de perspectivas.

Às vezes, com o intuito aparente de valorizar o idoso se lhe nega a velhice, num mecanismo parecido com o que preside a consideração da velhice como um estado de espírito (Ex: *Velhota. Por fora. Por dentro Dona Domingas era muito nova*). Com essa valorização reversa, na verdade a velhice é negada ou mesmo rejeitada, ou então veicula-se a noção que manter a juventude é atribuição e virtude do indivíduo, no fundo o único responsável por envelhecer ou não, ou por envelhecer bem ou mal.

Tentando contrariar a imagem tradicional do idoso, alguns poucos textos apresentam-nos comportando-se de maneira fora do comum. Ou são fadas velhas (ridículas em suas roupas esvoaçantes e jovialidade), ou avós de comportamentos avançados para sua idade (porém completamente insensatos, como fugir de casa com o neto, subir em árvores e sentar-se em formigueiros). São, de novo, instâncias de estereótipo reverso, a chamar a atenção para as deficiências comportamentais do idoso.

Outro aspecto interessante observado nos textos, como um indicador de preconceito é o da indumentária. Os personagens fictícios, como por exemplo bruxos e magos são retratados com a estereotípiia com que se lida com a imagem dos excêntricos: túnicas, cabelos espetados, ar aparvalhado, às vezes de cientista louco. Os personagens que representam pessoas do cotidiano usam roupas comuns, porém *de velho* - calça e camisa, paletó, suspensório, chinelos e pijama para os homens; meias

grossas, chinelos felpudos, saia, avental, vestido, saia-e-blusa, xale, gola, punhos e babadinhos para as mulheres.

O uso desse tipo de roupa serve para identificar pessoas presas ao passado, antiquadas, e portanto não integradas. *Roupa de velho* é expressão interessante por ser segregadora. Pensar que existe ou deveria existir uma roupa mais apropriada para essa faixa de pessoas sugere conservadorismo. Na pesquisa de Neri e Wagner(1985), sobre opiniões a respeito de velhice, apareceu associada à nível mais baixo de escolaridade.

Por outro lado, tal expectativa tende a ficar cada vez mais deslocada numa sociedade como a brasileira, em processo de envelhecimento populacional. Na nova realidade que está se delineando, a visibilidade cada vez maior dos idosos e a concomitante luta de uma parcela deles, por manutenção de poder e status, tendem a produzir um mascaramento daquelas características que, em outras realidades, são tomadas como base para discriminar os mais velhos (Debert, 1992). Além disso, como a sociedade de consumo promove a juventude e a novidade a valores supremos, as pessoas mais velhas podem ser induzidas ao uso de indumentárias e à costumes que lhes permitam ser identificados como jovens. (Neri, 1991).

Os estereótipos negativos veiculados pelos textos geralmente são referentes à perdas em atributos físicos e intelectuais, bem como em papéis e funções sociais. Juntamente com o tratamento despersonalizante prestado aos idosos, esses eventos servem à disseminação de uma imagem negativa da velhice, embora mitigada por compaixão e reverência.

Conclusões

O alcance cultural dos textos brasileiros para crianças é considerável, se se levar em conta que a tiragem média de livros brasileiros para adultos é de 3.000 exemplares e a de livros infantis é de 10.000 (Dados da Câmara Brasileira do Livro). A despeito do avanço das novas tecnologias da informação, o livro ainda

é o recurso mais usado pela escola (Witter, 1987). Sabe-se também que a escola, o professor, o livreiro e o editor exercem um poderoso papel na determinação do que, como e quando a criança lê (Palo e Oliveira, 1986).

Ao selecionar o material a ser analisado pedindo-se indicações aos professores, e não procurando-se os títulos em acervos de bibliotecas ou catálogos de editoras, visou-se exatamente à obtenção de uma noção mais próxima da realidade do que as crianças brasileiras estariam lendo. Na hipótese de que efetivamente não leiam, ter-se-ia obtido ao menos uma amostra do que a escola julga útil veicular entre elas, ou seja dos valores vigentes ou consentidos nessa instituição, num dado momento histórico-cultural.

Sobre a imagem do idoso veiculada pelos textos analisados, pode-se dizer que ela é multifacetada, contendo elementos e valores contemporâneos de um Brasil rural e pobre, ou no máximo em processo de modernização, e de um País urbanizado, que garante uma qualidade de vida pelo menos aceitável para seus idosos, a maioria dos quais alfabetizados e saudáveis. A família retratada é a restrita e o arranjo domiciliar preponderante para os idosos é o da família unigeracional. Nesse contexto, o status do idoso é baixo, seu poder e instrumentalidade mínimos, sua cidadania reduzida, mas crianças e adultos respeitam a sua sabedoria advinda da experiência que só os muitos anos vividos permitem. A velhice é uma época da vida marcada por perdas físicas, cognitivas e sociais, que causam comportamentos deficitários, cuja existência justifica as práticas discriminatórias - umas mais sutis, outras menos - em relação ao idoso. Pode porém ser transformada em um estado de espírito, se o idoso tiver a sabedoria de manter-se, ao mesmo tempo, ativo e *em seu lugar*, isto é, sem competir com os mais jovens. A velhice é um fato eminentemente individual, e não social. É demarcada por critérios etários, cujo poder delimitador de posições e funções sociais é complementado por outros, como por exemplo gênero, raça e profissão.

O papel reservado aos idosos é o de *fonte de referência cultural*, talvez o aspecto mais positivo que, pode-se dizer, salva o tratamento dispensado à velhice pelos textos. Lendo-os as crianças podem se inteirar de fatos indiscutíveis sobre o curso de vida e sobre o fundamental papel da velhice - o de dar sentido à aventura humana - no contexto de vida individual e cultural.

Simultaneamente assenhoreiam-se de uma ideologia tradicional sobre velhice, que não leva em conta os últimos avanços das ciências comportamentais, a respeito das potencialidades de desenvolvimento mesmo na velhice avançada, e nem da noção - que tende a vicejar melhor em Estados de bem estar social - de que uma velhice bem sucedida depende de uma conjugação ótima de fatores individuais e sócio-culturais.

Notas

1. Segundo Costa (1992), citando dados do PNAD 88, 74,6% residem em áreas urbanas e 25,4% em áreas rurais; 33% residem em áreas metropolitanas, dos quais 66% no Rio e em São Paulo; dos 30% que vivem no Nordeste 86% vivem na zona rural ou em pequenas cidades; 67% têm renda familiar inferior a um salário mínimo, e 2% têm renda familiar igual ou superior a 10 salários mínimos; cerca de 50% são analfabetos e 15% completaram o 1º grau; 47,6% dos idosos e 10,9% das idosas ainda são economicamente ativos; 40% dos aposentados e 57% das aposentadas recebem uma aposentadoria inferior a um salário mínimo; 67% dos idosos do País são aposentados.
2. A diminuição da taxa de fecundidade e a elevação da esperança de vida estão provocando um progressivo aumento de idosos na população brasileira. Até 1950, a taxa de maiores de 60 anos era de 4%. Em 1970 passou para 5,1%; em 1980 para 6,1% e hoje é de 7,2%. As projeções para o ano 2000 são de 15%. Entre 1980 e 2000 a população idosa deverá aumentar à razão de 4,5% ao ano, a de zero a 14 anos em 0,6%, e a de 15 a 39 anos em 3,1%. Em 1950 a esperança de vida ao nascimento era de 60 anos para apenas 35% da população e hoje é de 65 anos para cerca de 70% da população. Em 2005, a esperança de vida do brasileiro será de 72 anos.
3. A esse respeito é importante lembrar que a maioria dos 114 textos da listagem inicial obtida entre os professores, foi editada por casas publicadoras sediadas na Região Sudeste do País (78% no Estado de São Paulo, 21% no Rio de Janeiro e 1% do Rio Grande do Sul).

Referências bibliográficas

- Abramovitch, F. (1983) *O estranho mundo que se mostra às crianças*. S.P.: Summus.
- Almerico, G.M. and Filmer, T. (1988) Portrayal of older characters in children magazines. *Educational Gerontology*, 14(1), 15-31.
- Aronoff, C. (1974) Old age is prime-time. *Journal of Communication*, 24, 86-87.
- Baltes, P.B. (1994) Envelhecimento cognitivo. Potencialidades e limites. *Gerontologia*, 2(1), 23-44.
- Bandura, A. (1986) *Social foundations of thought and action. A social cognitive theory*. Englewood Cliffs : Prentice Hall.
- Bardin, L. (1979) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed 70. (Trad. do orig. em francês de 1977, por L.A.Reto e L.A.Pinheiro).
- Barnum, P.W. (1977) Discrimination against the aged in young children literature. *The Elementary School Journal*, 77 (4), march.
- Berquó, E.S. e Cazenaghi, S.M. (1988) *Oportunidades e fatalidades: Um estudo demográfico das pessoas que moram sózinhas*. In Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, São Paulo: ABEP.
- Bettelheim, B. (1976) *The uses of enchantment. The meaning and importance of fairy tales*. New York: Knopf Trad. para o português em 1980, pela a Ed. Paz e Terra, por A.Caetano, A Psicanálise dos contos de fadas.
- Blue, G.F. (1978) The aging as portrayed in realistic fiction for children. *The Gerontologist*, 18 (20), 187-192.
- Bonazzi, M. e Eco, U. (1980) *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo: Summus.
- Butler, R.N. (1969) Age-ism: another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9, 243-246.
- Butler, R.N. (1980) Ageism: a foreword. *Journal of Social Issues*, 36 (2), 8-11.
- Cadernatori, J. (1987) *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense.
- Chinen, A.B. (1987) Fairy tales and psychological development in late life: A cross-cultural hermeneutic study. *The Gerontologist*, 27 (3), jun.
- Costa, M.A. (1992) *Terceira idade no Brasil: Perfil sócio-demográfico*. In Anais do 1º Seminário Brasileiro de Especialistas Multidisciplinares em Terceira Idade. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- Cowgill, D. and Holmes, L. (1972) *Aging and modernization*. New York: Appleton-Century Crofts.
- Debert, G.G. (1992) *Práticas para um envelhecimento adequado*. In Anais do 1º Seminário Brasileiro de Especialistas Multidisciplinares em Terceira Idade. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- Dobrosky, B.J. and Bishop, J.M. (1986) Children's perception of old people. *Educational Gerontology*, 12 (5), 429-439.
- Elliott, J. (1984) The day time television portrayal of older adults. *The Gerontologist*, 24(6), 628-633.

- Featherman, D.L.; Smith, J. and Peterson, J.G. (1990) Successful aging in post-retired society. In P.B.Baltes and M.M.Baltes (Eds.), *Successful aging. Perspectives from the behavioral sciences*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Garcia, E.G. (1980) *A leitura na escola de 1º grau. Por uma outra leitura da leitura*. São Paulo: Loyola.
- George, L. (1990) Social structure, social processes and social psychological states. In R.H. Binstock and L.K. George (Eds.), *Handbook of aging and Social Sciences*. 3rd ed. San Diego: Academic Press.
- Gerbner, G.; Gross, L.; Signorelli, N. and Morgan, M. (1980) Aging with television: images on television drama and conceptions of social reality. *Journal of Communication*, 30, 34-47.
- Holtzman, J.M. and Akiyama, H. (1985) What children see: the aged in television in Japan and in the United States. *The Gerontologist*, 25 (1), 62-68.
- Kane, R.L. and Kane, R.A. (1990) Health care for older people: Organizational and policy issues. In R.H. Binstock and L.K. George (Eds.), *Handbook of aging and Social Sciences*. 3rd ed. San Diego: Academic Press.
- Kertzner, I.K. and Keith, J. (1984) *Age and anthropological theory*. Ithaca: Cornell University Press.
- Khede, S.S. (1986) *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática.
- Lajolo, M. e Zilberman, R. (1985) *Literatura infantil brasileira: História e histórias*. São Paulo: Ática.
- McTavish, D.G. (1971) Perceptions of old people: a review of research methodologies and findings. *The Gerontologist*, 11, 90-101.
- Miceli, P. (1985) *O mito do herói nacional*. São Paulo: Contexto.
- Neri, A.L. e Wagner, E.C. de A. e M. (1985) Opiniões de pessoas em diferentes faixas etárias sobre velhice: Um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 2 (2-3), 81-104.
- Neri, A.L. (1991) *Envelhecer num País de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- Neri, A.L. (Org.) (1993) *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus.
- Northcoath, H.C. (1975) Too young, too old. Aging in the world of television. *The Gerontologist*, 15, 184-186.
- Nosella, M. de L.C.D. (1981) *As belas mentiras: A ideologia subjacente aos livros didáticos*. São Paulo: Moraes.
- Palmore, E.B. (1971) Attitudes toward aging as shown by humor. *The Gerontologist*, 11 (3), 181-186.
- Palmore, E.B. (1986) Attitudes toward aging shown by humor. A review. In L. Namelow; K.A. Mckluskey-Fawcett and P.E. Mcghee (Eds.), *Humor and aging*. San Diego: Academic Press.
- Palo, M.J. e Oliveira, M.R.D. (1986) *Literatura infantil: Voz de criança*. São Paulo: Ática.
- Passuth, P.M. and Bengston, V.L. (1988) Sociological theories of aging: current perspectives and future directions. In J.E. Birren and V.L. Bengston (Eds.), *Emergent theories of aging*. New York: Springer.
- Peterson, D.A. and Eden, D.Z. (1977) Teenagers and aging: Adolescent literature as an attitude source. *Educational Gerontology*, 2, 311-325.
- Ramos, L.R. (1987) Envelhecimento populacional. Uma realidade brasileira. *Revista de Saúde Pública*, 21 (3), 211-224.
- Ramos, L.R. (1992) *Fatores e riscos para doenças cardiovasculares no idosos*. In Anais 1º Seminário Brasileiro de Especialistas Multidisciplinares em Terceira Idade.
- Richman, J. (1977) The foolishness and wisdom of age: attitudes toward the elderly as reflected in jokes. *The Gerontologist*, 34 (5), 709-715.
- Schaie, K.W. (1988) Ageism in psychological research. *American Psychologist*, 43 (3), 179-183.
- Seltzer, M.M. and Atchley, R.C. (1971) The concept of old: changing attitudes and stereotypes. *The Gerontologist*, 11, 226-230.
- Sohngen, M. and Smith, R.J. (1978) Images of old age in poetry. *The Gerontologist*, 18(2), 181-186.
- Witter, G.P. (1987) Aprendizagem incidental na escola. In G.P. Witter e Lomônaco, J.F.B. (Eds.), *Psicologia da aprendizagem. Aplicações na escola*. São Paulo: EPU.
- Wober, M. and Gunter, B. (1982) Impressions of old people on TV and in real life. *British Journal of Social Psychology*, 21, 335-336.
- Zilberman, R. (1985) *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global.
- Zilberman, R. e Magalhães, L.C. (1982) *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática.

* ANEXO

Títulos Analisados

- Aiala, W. (1990) *A fonte luminosa*. São Paulo: FTD, 8ª ed.
- Almeida, F.L. de (1990) *A curiosidade premiada*. São Paulo: Ática, 17ª ed.
- Bandeira, P. (1989). *O fantástico mistério da feiurinha*. São Paulo: FTD, 5ª ed.
- Bandeira, P. (1990) *O dinossauro que fazia au-au*. São Paulo: Moderna, 13ª ed.
- Block, P. (1977) *Pai, me compra um amigo?* Rio de Janeiro, Tecnoprint.
- Brândão, L.M. (1985) *O grilinho brincaço*. S.Paulo: Editora do Brasil, 17ª ed.
- Dupré, M.J. (1990) *A montanha encantada*. São Paulo: Ática, 18ª ed.
- Dupré, M.J. (1983) *O cachorrinho Samba*. São Paulo: Ática.
- Ferreira, M.R.C. (1988) *As três caixinhas*. São Paulo: Editora do Brasil, 1ª ed.
- Galdino, L. (1990) *O sapo encantado*. São Paulo: FTD, 3ª ed.
- Goes, L.P. (1989) *A maior boca do mundo*. São Paulo: Ática, 2ª ed.

- Goes, L.P. (1991) *Dráusio, o vampiro*. São Paulo: Paulinas, 7ª ed.
- Iannone, L.R. (1986) *Com as pontas dos dedos e a ponta do coração*. São Paulo: Editora do Brasil, 10ª ed.
- Machado, A.M. (1985) *Bisa Bia Bisabel*. R. Janeiro: Salamandra, 6ª ed.
- Machado, A.M. (1979) *Raul da ferrugem azul*. Rio de Janeiro: Salamandra.
- Machado, M.C. (s/d) *Pluft, o fantasminha*. Rio de Janeiro: Cedibra.
- Medauar, J. (1983) *No dia em que os peixes pescaram os homens*. São Paulo: Pioneira, 3ª ed.
- Monteiro Lobato (s/d) *O saci*. São Paulo, Brasiliense.
- Monteiro Lobato (s/d) *Reinações de Narizinho*. São Brasiliense.
- Monteiro Lobato (s/d) *Viagem ao Céu*. São Paulo: Brasiliense.
- Mott, O B. (1986) *Férias no orfanato*. São Paulo: Ed. do Brasil.
- Muniz, F. (s/d) *Mais prá lá do qui prá cá*. São Paulo: Ed. do Brasil.
- Orthof, S. (1988) *A fada sempreviva e a galinha fada*. São Paulo: FTD, 3ª ed.
- Perlman, A. (1985) *Invasão do pensamento*. São Paulo: Ed. do Brasil.
- Pinto, Z.A. (1980) *O menino Maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos.
- Porro, C. (1985) *Se será Serafina*. São Paulo: Ática.
- Rezende Filho, J. (1984) *Tonico*. São Paulo: Ática, 9ª ed.
- Rezende Filho, J. e Brasil, A. (1983) *Tonico e Carniça*. São Paulo: Ática, 2ª ed.
- Rocha, R. (1985) *O reizinho mandão*. São Paulo: Quinteto Editorial.
- Sales, H. (s/d) *O burrinho que queria ser gente*. São Paulo: Ed. do Brasil.
- Santos, J.R. (1989) *O soldado que não era*. São Paulo: Ed. Moderna, 20ª ed.
- Sardemberg, M.P.E. (s/d) *O segredo da ilha*. São Paulo: Ed. do Brasil, 25ª ed.
- Vieira, M. C. do (1985) *No país dos anões*. São Paulo: Ed. do Brasil, 13ª ed.
- Vieira, R. (1985) *O mistério do rabanete vermelho*. São Paulo: Editora do Brasil.